

Jeremy Whitehand: 60 anos de investigação em forma urbana

Vítor Oliveira 



CITTA – Centro de Investigação do Território Transportes e Ambiente, Universidade do Porto, Porto, Portugal. E-mail: vitorm@fe.up.pt

<https://doi.org/10.47235/rmu.v9i2.212>

Quais as probabilidades de encontrar um génio que seja, em simultâneo, uma pessoa gentil e generosa? Jeremy W. R. Whitehand era um desses homens. Jeremy nasceu em Reading em 1938, e desenvolveu o seu doutoramento nesta cidade do sul de Inglaterra. Em 1963 começou a dar aulas em Newcastle upon Tyne, onde conheceu M. R. G. Conzen (que viria a influenciar todo o seu trabalho em morfologia urbana), Michael P. Conzen (que se tornaria um dos seus amigos mais próximos) e Susan Frederick (que viria a ser a sua companheira para toda a vida). Em meados dos anos 60, Jeremy muda-se para Glasgow, e no início dos anos 70, para Birmingham, onde viria a lecionar até 2005, continuando após essa data a orientação de alunos de doutoramento e pós-doutoramento. Jeremy teve um papel central na criação do *Urban Morphology Research Group* (*University of Birmingham*) em meados dos anos 70, do *International Seminar on Urban Form* (ISUF) em meados dos anos 90, e ainda da revista *Urban Morphology* em 1997. Ao longo das últimas décadas, Jeremy deu um contributo fundamental para a definição da morfologia urbana como campo de conhecimento abrangente e inclusivo, para o estabelecimento da abordagem histórico-geográfica, para o desenvolvimento de dois conceitos fundamentais – região morfológica e cintura periférica (*fringe belt*), e para o debate de temas chave como os agentes de transformação urbana, a relação entre investigação científica e prática profissional, e os estudos comparativos (Whitehand, 1981; 1992a, 2009).

O meu primeiro encontro com o trabalho de Jeremy foi casual, conduzido por um motor de busca. Estava no início do meu mestrado, em 2002, e pretendia analisar a evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto, ao longo dos séculos XIX e XX. O primeiro artigo que encontrei foi *Recent advances in urban morphology* (Whitehand, 1992b). Publicado no início dos anos 90, o texto é

uma notável introdução à morfologia urbana, escrito numa linguagem rigorosa e acessível – uma característica distintiva do seu trabalho. *Recent advances in urban morphology* abarca uma diversidade de disciplinas (da geografia à história, da arquitetura ao planeamento), abordagens (histórico-geográfica, processual tipológica e análise espacial) e temas (do humanismo à então emergente utilização de computadores em estudos morfológicos). Estava assim iniciada a minha viagem pelo mundo da morfologia urbana, conduzida por Jeremy.

As conferências do ISUF de Londres e Estocolmo, em 2005 e 2006, trouxeram os nossos primeiros encontros pessoais. Por esta altura, submeti o meu primeiro artigo à *Urban Morphology*. Após a aprovação por pares, o trabalho editorial que Jeremy desenvolveu no sentido de melhorar a minha utilização da língua inglesa impressionou-me profundamente. De facto, o seu esforço para contrariar aquilo que designava como *anglophone squint* era único. Desde esse primeiro artigo em 2006 publiquei os meus textos em 20 revistas científicas, e nunca encontrei um editor com uma dedicação semelhante.

Ao longo de mais de duas décadas como editor, até passar a condução da revista a Peter Larkham no final de 2019 (Editor Associado, juntamente com Karl Kropf, desde 1997), Jeremy manteve o enfoque da *Urban Morphology* na forma física das cidades e nos processos e agentes de transformação urbana, garantindo a independência da revista face a numerosas propostas de editoras comerciais e aumentando o seu prestígio ano após ano.

Nos anos que se seguiram à conferência de Estocolmo e ao desafio de Michael Conzen (então presidente do ISUF), comecei a construir, com Teresa Marat-Mendes, a proposta para a criação de uma Rede Portuguesa de Morfologia Urbana

(*Portuguese Network of Urban Morphology / PNUM*). A rede foi criada e rapidamente expandida do espaço português para o mundo lusófono (*Portuguese-language Network of Urban Morphology*). Entretanto, iniciaram-se as conferências anuais em 2011, a ‘Revista de Morfologia Urbana’ em 2013, e os *workshops* anuais em 2015. Jeremy esteve sempre conosco, em cada uma destas iniciativas, discutindo estratégias e ações concretas, partilhando o seu conhecimento morfológico com enorme generosidade.

Em 2014 organizamos a conferência do ISUF no Porto. Jeremy e Susan chegaram antes do início da conferência para nos ajudarem num estudo morfológico comparativo, em desenvolvimento desde o início desse ano (Oliveira et al. 2015). Foi a minha primeira oportunidade de ver Jeremy em trabalho de campo, num processo de compreensão da paisagem urbana do Porto, avaliando a consistência interna de cada região morfológica, e discutindo a precisão da fronteira traçada entre cada par de regiões. O seu entusiasmo e a sua capacidade física (apesar de ter então 75 anos) eram inesgotáveis. O tema dos estudos comparativos, que enquadrava este caso de estudo da Rua Costa Cabral, permeou toda a conferência e teve o seu ponto alto numa mesa-redonda com Jeremy, Bill Hillier, Giancarlo Cataldi e Jurgen Lafrenz. Debateram-se as diferenças, mas acima de tudo, discutiu-se aquilo que podemos fazer juntos – um propósito central do ISUF e do PNUM. A conferência foi ainda palco para o lançamento do primeiro livro dedicado ao trabalho de Jeremy – *Shapers of urban form* (Larkham and Conzen, 2014), mais precisamente a uma linha de investigação que ele iniciou no início dos anos 80, os agentes de transformação da paisagem urbana (Whitehand e Whitehand (1983).

A última conferência do ISUF em que Jeremy participou presencialmente foi em 2016, em Nanjing. Sendo uma coincidência, esta última participação presencial tem um significado simbólico, já que a China tinha sido o palco privilegiado da sua investigação a partir de meados da primeira década deste século, encontrando em Kai Gu e Feng Song, os seus parceiros fundamentais (Whitehand e Gu, 2017). Um episódio da conferência de Nanjing é particularmente revelador da

personalidade de Jeremy. Na sequência do convite da organizadora do ISUF 2016, Wowo Ding, para lecionar um curso intensivo de morfologia urbana, cheguei a Nanjing uma semana antes do início da conferência. O curso – onde sempre destaco o trabalho de Jeremy – teve a participação de mais de 40 estudantes, alguns dos quais viriam a ajudar na organização da conferência. No início do jantar de gala da conferência um desses alunos, Weiyu Liu, parecia um pouco solitário. Ao perceber isso, Jeremy convidou-o para a sua mesa e durante todo o jantar, Weiyu (com cerca de 20 anos) foi o centro da sua atenção.

Foi durante a conferência de Nanjing que comecei a pensar com Jeremy (e Susan) um texto de síntese sobre o seu contributo para o campo de conhecimento da morfologia urbana. Numa fase inicial, o projeto incluiria uma entrevista não gravada e a elaboração de um artigo. O projeto começou com uma visita ao Reino Unido, em Outubro de 2016, com a minha mulher, Cláudia Monteiro. No planeamento da viagem comentamos com Susan e Jeremy que iríamos primeiro a Alnwick e só depois nos deslocaríamos a Birmingham. Imediatamente, e com grande generosidade, Susan e Jeremy ofereceram-se para nos mostrar Alnwick e para nos alojar na sua casa, em Barnt Green (subúrbio de Birmingham). Assim, ficamos a conhecer, pela mão daquele que mais contribuiu para a disseminação do trabalho de M. R. G. Conzen, cada parte deste assentamento em Northumberland, no norte de Inglaterra. O episódio iria repetir-se dias mais tarde quando Cláudia referiu a possibilidade de visitar Ludlow, outro assentamento de grande simbolismo para a abordagem histórico-geográfica (Figura 1).

Mais uma vez, Susan e Jeremy, acompanharam Cláudia na viagem. Cada dia da minha estadia em Barnt Green, desde o pequeno-almoço até à hora de deitar, era um contínuo debate morfológico. Nada entusiasmava mais Jeremy do que a partilha do conhecimento rigoroso sobre a forma física das cidades. Face à excelência da obra de Jeremy, o projeto rapidamente evoluiu para uma entrevista gravada, (entretanto disponibilizada no Youtube – Oliveira, 2016), a elaboração de um artigo identificando os contributos fundamentais de

Jeremy (Oliveira, 2019a), e a edição de um livro em que um conjunto de autores cuidadosamente selecionados desenvolveria os contributos identificados – Kai Gu, Michael Barke, Peter Larkham, Karl Kropf e Ivor Samuels. J. W.R. *Whitehand and the historico-geographical approach to urban morphology* (Oliveira, 2019b) foi lançado em Birmingham em Dezembro de 2018, no ano em que Jeremy completou 80 anos – ou de acordo com um estudante pouco fluente na língua inglesa, *eighteen years*; como Jeremy referiu, com o seu humor característico. O lançamento do livro incluiu discursos de Jeremy e de todos os autores; de Michael Conzen, que escreveu o prefácio, e que viajou de Chicago propositadamente para o evento (também Feng Song veio de Pequim expressamente para o lançamento); e ainda de Nick Morton que apresentou uma leitura exterior ao trabalho – Figura 2.



Figura 1. Ludlow, 2016.



Figura 2. Lançamento do livro em Birmingham, 2018.

Mas o meu olhar sobre a obra de Jeremy não tinha ainda terminado. A estadia em Barnt Green, com Susan e Jeremy, mas também com Michael Conzen, forneceu a oportunidade para explorarmos uma parte do trabalho de Jeremy que o livro não abordava – os anos de formação académica de Jeremy, com um enfoque nas suas duas teses em geografia (BA e PhD), e o encontro com Conzen em Newcastle, em 1963. O trabalho de investigação – incluindo uma intensa troca de emails com Jeremy no primeiro semestre de 2019 – continuou ao longo dos meses seguintes, conduzindo, por fim, à publicação de *Becoming an urban morphologist: Jeremy W. R. Whitehand* (Conzen e Oliveira, 2021).

O primeiro semestre de 2021 foi de intenso contacto com Jeremy. Primeiro, no projeto de tradução de *Alnwick, Northumberland: a study in town-plan analysis* (Conzen, 1960) para a língua portuguesa, desenvolvido sob o seu aconselhamento (e de Michael Conzen). Segundo, na Task Force do ISUF dedicada ao ensino da morfologia urbana, que discute a relevância do estudo da forma física das cidades, a possibilidade de definição de um corpo de conhecimento coerente, e a caracterização de métodos específicos de ensino e aprendizagem. Terceiro, na participação de Jeremy no ISUF 2021. Esta participação incluiria três momentos fundamentais: duas mesas redondas – uma dedicada à quantificação em morfologia urbana, e outra dedicada à relação entre investigação e prática profissional (esta última estruturada em torno do capítulo que Jeremy escreveu para o meu mais recente livro – Whitehand, 2021a); e uma apresentação em sessão plenária – *The nature of urban morphology* (Whitehand, 2021b).

Graças ao grande rigor e organização de Jeremy foi possível, apesar da sua morte inesperada imediatamente antes da conferência, apresentarmos todo o trabalho que ele desenvolveu para estes três momentos (o *keynote speech* foi previamente gravado já que a conferência decorreu em modo virtual, e os seus contributos para as mesas redondas foram lidos por Tolga Unlu e Peter Larkham). *The nature of urban morphology* termina com a caracterização de duas linhas de investigação futura (conservação patrimonial e significado ecológico) em torno do tema que fascinou

Jeremy ao longo de mais de cinco décadas, desde o seu artigo seminal *Fringe belts: a neglected aspect of urban geography*, escrito quando tinha menos de 30 anos (Whitehand, 1967).

Uma semana depois da morte da pessoa que mais influenciou a minha vida profissional, é ainda difícil acreditar que Jeremy já não está connosco. Do meu percurso individual, à

minha atividade no PNUM e no ISUF, sempre pude contar com a generosidade e o afeto, o conhecimento morfológico rigoroso, e o incrível sentido de humor de Jeremy Whitehand. Por tudo isto, Jeremy continuará a acompanhar-me nesta viagem pela morfologia urbana. Obrigado, Jeremy!

Referências

- Conzen, M. P. e Oliveira, V. (2021) Becoming an urban morphologist: Jeremy W. R. Whitehand. *Urban Morphology*. 25, 76-88.
- Conzen, M. R. G. (1960) *Alnwick, Northumberland: a study in town-plan analysis*. Institute of British Geographers Publication. 27. George Philip, Londres.
- Larkham, P.J. e Conzen, M. P. (eds.) (2014) *Shapers of urban form: explorations in morphological agency*. Nova Iorque, Routledge.
- Oliveira, V. (2016) *An interview with Professor J. W. R. Whitehand*, University of Birmingham, Birmingham.
- Oliveira, V. (2019a) 'An historico-geographical theory of urban form'. *Journal of Urbanism*. 12, 412-32.
- Oliveira, V. (ed.) (2019b) *JWR Whitehand and the historico-geographical approach to urban morphology*. Cham, Springer.
- Oliveira, V., Monteiro, C. e Partanen, J. (2015) 'A comparative study of urban form'. *Urban Morphology*. 19, 73-92.
- Whitehand, J. W. R. (1967b) 'Fringe belts: a neglected aspect of urban geography'. *Transactions of the Institute of British Geographers*. 41, 223-33.
- Whitehand, J. W. R. (ed.) (1981) *The urban landscape: historical development and management*. Londres, Academic Press.
- Whitehand, J. W. R. (1992a) *The making of the urban landscape*. Oxford, Basil Blackwell.
- Whitehand, J. W. R. (1992b) 'Recent advances in urban morphology'. *Urban Studies*. 29, 619-636.
- Whitehand, J. W. R. (2009) 'The structure of urban landscapes: strengthening research and practice'. *Urban Morphology*. 13, 5-27.
- Whitehand, J. W. R. (2021a) 'Conzenian research in practice', in Oliveira, V. (ed.) *Morphological research in planning, urban design and architecture*. Cham, Springer, pp. 19-42.
- Whitehand, J. W. R. (2021b) 'The nature of urban morphology', 28th International Seminar on Urban Form, Glasgow, 29 Junho - 3 Julho.
- Whitehand, J. W. R. e Whitehand, S. M. (1983) 'The study of physical change in town centres'. *Transactions of the Institute of British Geographers* NS. 8, 483-507.
- Whitehand, J. W. R. e Gu, K. (2017) 'Urban fringe belts: evidence from China'. *Environment and Planning B: Urban Analytics and City Science*. 44, 80-99.